

20 MAR 1995

Governar é preciso

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

JORNAL DA TARDE

Economia
Brasil

A turbulência financeira da semana retrasada causou muita confusão e medo no povo brasileiro. Teve, porém, uma virtude. Revelou com todas as letras a grande vulnerabilidade da economia brasileira aos movimentos do capital internacional. De nada adianta termos reservas altas, se elas podem deixar o País ao menor cochilo do Banco Central. Somente nesse episódio da desvalorização mal feita do real evaporaram-se entre 6 e 7 bilhões de dólares, baixando as reservas para algo em torno de 32 bilhões de dólares.

Por que uma economia do tamanho da brasileira, com o maior parque industrial da América Latina e um PIB anual de mais de 450 bilhões de dólares, pode ser abalada por uma simples oscilação de 10 a 20 bilhões? Por que ficamos tão apreensivos com os rumos das finanças do México e da Argentina, se não somos responsáveis pela política econômica desses dois países?

A resposta é simples. Estamos todos metidos na mesma aventura cambial. Uma fuga em massa de capitais leva de roldão todos os países que abriram descontrolada e excessivamente suas economias e que ficaram dependentes das oscilações dos mercados especulativos. A crise do México, da Argentina e agora também do Brasil demonstrou a fragilidade do ajuste neoliberal, ancorado no câmbio e com grande abertura da economia. Esse mecanismo só funciona na maré alta, com grande disponibilidade de capitais externos que ajudam a sustentar os déficits comerciais gerados por uma taxa de câmbio artificialmente fixa.

Quando esses déficits crescem volumosamente, o câmbio artificialmente fixo torna-se insustentável e os capitais batem em retirada — em tempo, é claro, de ga-



A CRISE DEMONSTROU A
FRAGILIDADE DO AJUSTE NEOLIBERAL,
ANCORADO NO CÂMBIO E COM
GRANDE ABERTURA DA ECONOMIA.

rantir os espetaculares lucros que obtiveram com os movimentos especulativos nas bolsas e com as altíssimas taxas de juros. Os déficits comerciais não podem ser mantidos e arrastam consigo os sonhos de um crescimento estável e duradouro.

Aí, chega a hora de pagar a conta e de substituir a âncora cambial pelo clássico ajuste fiscal, com corte de gastos sociais e elevação das taxas de juros, que abortam qualquer plano de investimentos. É essa a tal de ciranda que faz os trabalhadores e os mais pobres pagarem o pato eternamente, já que não podem pagar um jatinho para Boston ou se transformarem em consultores do mercado financeiro internacional.

O México e a Argentina já enveredaram pelo duro caminho do ajuste neoliberal recessivo, que vai submetê-los a duras privações, como o corte de salários e aumento do desemprego, velhos conhecidos da população brasileira. Por enquanto, o Brasil ainda desfruta de certa estabilidade e conta com um aquecimento razoável da economia. Mas isso já

está ameaçado por um esperado aumento da inflação e pela competência do governo em estabelecer novas medidas diante da defasagem cambial do dólar frente ao real.

É verdade que o Brasil não é o México ou a Argentina, apesar de o governo não saber definir bem se somos ou não somos como nossos irmãos latino-americanos. Mas isso depende da conveniência política dos plantonistas do Palácio do Planalto ou do ministro da Economia que nunca desce do palanque. É uma espécie de ziguezague de conveniência. Numa hora o México é o modelo. Noutra não tem nada a ver conosco. Um dia acorda-se com a banda fixa. Na manhã seguinte, a banda já não é tão fixa assim. E por aí vai o governo nhenhênhen...

Ainda há tempo de se buscar um outro caminho, menos doloroso e traumático que o velho ajuste recessivo, substituindo a âncora cambial por uma reforma fiscal efetiva, orientada por uma política de rendas que concilie melhores salários e preços estáveis. É necessário equilibrar as contas públicas com a reforma do

Estado, taxas de juros menores e maior estímulo à produção. Ao contrário de conter a demanda, como acabará acontecendo com taxas de juros altas e outras medidas restritivas, o governo deve aumentar a oferta interna de mercadorias. O crescimento da arrecadação de impostos depende de leis melhores e de um decidido combate à sonegação.

Deve-se restringir o raio de ação de capitais especulativos nacionais e estrangeiros, que hoje transitam livremente pelas fronteiras do País. Nesse sentido, pode ser estabelecido um prazo mínimo de permanência dos capitais externos ou duras taxações para aqueles que vêm para percorrer um rápido circuito especulativo, fazendo marolas para atingir a estabilidade da economia. A inserção do Brasil na economia globalizada tem que obedecer a um projeto nacional. Temos que definir que nação queremos ser. Não pode ser uma inserção submissa e sem rumo pela porta dos fundos da economia mundial.

É preciso descer do palanque e governar. E, sobretudo, escolher para quem se quer governar.

□ P.S. Devido à suspeita trapalhada com o câmbio, o PT quer uma auditoria para verificar as relações entre o Banco Central e o sistema financeiro. O partido vai apresentar também um projeto estabelecendo um prazo mínimo de cinco anos para que funcionários da direção do BC possam trabalhar no mercado finan-

O AUTOR

Luiz Inácio
Lula da Silva
é presidente
nacional
do PT

